

## CRÔNICA

Orlando Pontes • ojpontes@gmail.com



# O cassino e o hotel cinco estrelas do Adal

**A**dalberto desembarcou na Terra no alto da Serra da Mantiqueira. Para poupar tempo de voo, a Cegonha aterrissou na montanha. Acertou a cidade e errou o endereço, de acordo com a “encomenda”. Assim, Adal nasceu pelas mãos de uma parteira num barraco pendurado num morro da periferia de Campos do Jordão. Teve uma infância comum aos brasileiros filhos de favelas — pouca comida e muita brincadeira de rua.

ESTUDAR NUNCA foi seu forte. Muito pelo contrário. Nem mesmo o cinturão de Dona Nicó estalando-lhe nas nádegas, pelo menos uma vez por semana, o convencia a fazer o dever de casa. Ele gostava mesmo era de assistir as disputas de jogos de carta e de sinuca na birosca do Zé Madureira, cópia fajuta dos cassinos clandestinos dos hotéis cinco estrelas do centro da Suíça Brasileira. Virou mestre em Truco e Caixeta.

O “Sem Futuro”, como o definia a própria genitora, arrumou uma namorada. E engravidou Mariinha. Um ano antes do primeiro Rock’n Rio, contando 20 primaveras, semianalfabeto e desempregado, pôs o pé na estrada fugindo

da responsabilidade de sustentar o próprio filho. Era início de 1984 quando Adal desceu do ônibus na Rodoviária de Brasília. Encantou-se com a paisagem plana. Para todos os lados que olhava enxergava o horizonte, sem um morro pela frente.

Desceu do interestadual e subiu no baú amarelo da Pioneira, itinerário Taguatinga Norte, rumo à casa do primo Toninho, na QNL, sua única referência no Quadrado. O cobrador avisou que ele deveria descer no próximo ponto, em frente ao Cemitério. Atravessou a pista e chegou à Faixa de Gaza, conjunto de casebres habitados por ex-moradores da Vila Chaparral.

Toninho havia preparado

a recepção: meia-dúzia de Brahmas, uma garrafa de 29 e uma panela de macarrão com sardinha. Constatou ali que a vida na Capital da Esperança não seria fácil.

Logo, arrumou um emprego de servente de pedreiro. Acordava às 5h30, pegava o ônibus e começava o trampo às 7h, depois do jejum com um pingado com pão com margarina. Almoço era uma marmita de arroz, feijão, três rodadas de tomate e dois ovos fritos requentados numa fogueira no pátio da obra. Uma vez por semana rolava um bife de peito de frango. Oh, glória!

Para tentar escapar da dureza, abriu o Bar do Adal. Alugou um quatinho na rua da casa de Toninho, comprou uns kits de



e tomava sua gelada todos os dias. Mas o faturamento era pequeno. Com muito esforço, comprou um Corcel amarelo duas portas 1975.

Num domingo, de folga, foi a um churrasco no Fassinca, clube metido a besta na estrada de Brazlândia. Na volta, flagrado no bafômetro, foi preso. Durante três dias, aprendeu que o inferno não era tão feio quanto ele pensava.

Relaxou e reincidiu. Depois de uma cervejada em Valparaíso, o Corcel ferveu na BR-040. O extintor de incêndio estava descarregado. Não sobrou nada da dianteira da furreca. A PRF o encaminhou à delegacia. Foi autuado por beber embriagado e por atear fogo em via pública.

Precisava de R\$ 4 mil para se livrar da grade. Só tinha R\$ 1,2 mil na conta. Saiu algemado de volta à Papuda. Estadia de 72 dias. “Diboa”, conforma-se Adal: “São quatro beliches, uma televisão e banheiro na cela. A galera respeita os mais velhos no revezamento para ficar na frente da TV e usar o banheiro e ninguém esculacha quem cometeu infração de menor gravidade”.

Para Adal, a hospedagem na Papuda é cinco estrelas: dá pra assistir televisão até às 22h, tem café da manhã, almoço e jantar na hora certa e banho de sol todo dia. “Mais tranquilo do que o bar e atendimento melhor do que na casa do Toninho”. “Diboa!”

baralho e dominó colorido nas Lojas Americanas e fez uma permuta com a distribuidora Tô Tontim: quatro jogos de mesas e cadeiras com toalhas de tergal. A cerveja, a cachaça, o Conhaque Dreher e os refrigerantes seriam pagos por consumação.

Em pouco tempo a malandragem descobriu que havia um ponto de jogo na Faixa de Gaza. As rodadas de baralho rendiam 5% de comissão para a casa. Dinheiro suficiente para Adal pagar o aluguel, as contas de água e luz e sobrar algum para ajudar na despesa da casa de Toninho, onde pegava a boia. Dormia no bar, numa cama de campanha emprestada pelo primo.

Fazia o que gostava — administrativa a jogatina